

O fotojornalismo: desafios e alicerces

Prof. Denis Renó
denis.reno@unesp.br

Assim como o jornalismo, o fotojornalismo tem a missão de transformar a sociedade. A diferença é que suas narrativas são imagéticas, ou seja, um documento visual de um fato.

A partir das fotografias, os fatos são descritos e servem de testemunho, nem sempre agradável, das coisas.

Uma das atuações do fotojornalismo é em conflitos. Neles, fotógrafas e fotógrafos registram o sofrimento coletivo e, para isso, deve-se mesclar respeito, ética e compromisso social.

Diversos profissionais destacaram-se (e ainda destacam-se) com o registro de conflitos, tendo como pioneiros os trabalhos da alemã Gerda Taro e do húngaro Robert Capa, um casal de fotojornalistas que se conheceu no *front* e morreu no *front*.

Considerada a primeira fotógrafa de guerra da história, Gerda Taro (Gerta Pohorylle), nascida em 01 de agosto de 1910 (Stuttgart, Alemanha), era uma jornalista e fotojornalista que cobria conflitos. Um deles, a Guerra Civil Espanhola, foi responsável pela sua morte (em 23 de julho de 1937, em Brunete, Espanha).



Entretanto, sua morte foi acidental. Um tanque de guerra capotou sobre ela, que não resistiu aos ferimentos e morreu no local.















Robert Capa (Endre Ernő Friedmann), de quem falaremos novamente no próximo semestre, nasceu no dia 22 de outubro de 1913, em Budapeste (Hungria), era um fotojornalista que também viveu e morreu fotografando conflitos (25 de maio de 1954, Thai Binh, Vietnã).



Fotografou diversos conflitos, entre eles:

- Guerra Civil Espanhola (onde conheceu e perdeu Gerda Taro);
- Segunda Guerra Mundial;
- Guerra Sino-japonesa (onde morreu ao pisar numa mina terrestre).







© Robert Capa © 2001 by Cornell Capa / M









Vamos assistir ao documentário
“War photographer”.